

PRESENÇA DE ROMANCES NO JORNAL *THE TIMES*: IMPRENSA E CIRCULAÇÃO DE LIVROS DE 1800 A 1820 NO REINO UNIDO

Taís FRANCISCON

Orientação: Profa. Dra. Márcia Abreu

Resumo: A imprensa periódica tem se revelado uma fonte importante para a pesquisa sobre a produção, circulação e recepção de obras literárias. A presente pesquisa se focou em examinar o jornal diário *The Times* no período de 1799 a 1809 em busca de anúncios de livros à venda. A análise nos permitiu conhecer os livros impressos por editores e tipógrafos, quais romances eram mais presentes nas livrarias, os livreiros e editoras ativos no mercado editorial e até mesmo indícios da reação crítica dos letrados em eventuais comentários. Integrado ao Projeto Temático “A circulação transatlântica de impressos – a globalização da cultura no século XIX”, esta pesquisa pretende contribuir para a reflexão sobre a presença de romances no Reino Unido, mostrando tanto a sedimentação desse gênero no país quanto sua articulação com outras obras estrangeiras.

Palavras-chave: literatura inglesa, romance, imprensa, século XIX, circulação de impressos

INTRODUÇÃO

A expansão do mercado editorial e o estreitamento da relação entre literatura e imprensa marcaram a produção, circulação e recepção de romances durante o século XIX. Concebendo a literatura como parte da vida econômica e social, buscarei entender sob quais condições os romances eram produzidos na Londres de então e quais caminhos percorriam até chegar às mãos dos leitores. Para tanto, foi examinado o jornal diário inglês *The Times* (1785 – ainda ativo) em busca de informações sobre romances em circulação no período de 1800 a 1820.¹

Os anúncios de livros à venda publicados no periódico permitem conhecer parte dos romances presentes nas livrarias, editoras e tipografias, bem como saber quais eram as mais ativas no mercado editorial. Além disso, também apresentam indícios da reação crítica dos letrados em fragmentos de resenhas literárias utilizados como propaganda.

Integrada ao projeto de cooperação internacional “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”,² esta pesquisa dá continuidade a

1 O acervo do *The Times* está disponível mediante cadastro e pagamento no site do jornal: <http://www.thetimes.co.uk/tto/archive/> (acesso em 30/08/2014).

2 Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/> (acesso em 02/12/2014)

outras já realizadas no âmbito do projeto ³ e pretende contribuir com a reflexão sobre a presença de romances no Reino Unido ⁴. Este recorte temporal, que nos permite conhecer as duas primeiras décadas do século XIX, permite articular os dados recolhidos no *The Times* com os do *British Fiction Database*, fonte importante para esta pesquisa.

Ao longo da pesquisa, realizei uma leitura detida das páginas do *The Times*, focando-me, sobretudo, nos romances – mas sem ignorar o restante do material, que abarca questões econômicas, políticas e ideológicas da Londres de então, articulando assim a literatura com suas condições de produção, tanto no aspecto de sua materialidade, quanto no que envolve efeitos de leitura e construções de sentidos. Feita a leitura do jornal, as informações dos anúncios de romance à venda foram sistematicamente catalogadas no CiTrIm, banco de dados do projeto “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, que organiza as informações recolhidas pelos pesquisadores em variadas fontes.

Para manter em perspectiva um quadro mais abrangente do consumo literário e dos critérios de avaliação de romances no Reino Unido oitocentista, as informações recolhidas no *The Times* foram combinadas com dados provenientes do *British Fiction, 1800-1829: a database of production, circulation, and reception*, produzido no Centre for Editorial and Intertextual Research, da Universidade de Cardiff (Inglaterra), pelos pesquisadores Prof. Dr. Peter Garside, Dra. Jacqueline Belanger e Dr. Sharon Ragaz. ⁵ O propósito deste banco é recolher registros bibliográficos diversos de todas as obras de ficção publicadas pela primeira vez entre 1800 e 1829 – ou seja, reedições de romances cujas primeiras edições são anteriores a 1800 não são considerados, por mais numerosas que tenham sido. O banco não se restringe às publicações inglesas, disponibilizando também dados sobre traduções para o inglês, publicadas no Reino Unido pela primeira vez no referido intervalo. Além de informações sobre as edições, o banco disponibiliza diversos materiais contemporâneos, tais como menções em catálogos de bibliotecas circulantes, anúncios publicitários em jornais e resenhas. A proposta do *British Fiction Database* é bastante

3 A presença de romances nos jornais do Rio de Janeiro *Jornal do Commercio*, *Correio Braziliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro* foram analisados por MANÇANO, Regiane. 2010. Dando continuidade à pesquisa de Mançano, desenvolvi a iniciação científica “Presença romances no *Jornal do Commercio* (1844 – 1880)”, em 2012. Beatriz Gabrielli, pesquisadora de iniciação científica no Projeto Temático, realizou uma Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior em Lisboa, também pela Fapesp, em busca de anúncios nos jornais portugueses *Gazeta de Lisboa* (1808 – 1840), *O Portuguez* (1826 – 1827) e *O Patriota* (1844 – 1845); ela pesquisa atualmente o francês *La Presse* (1836 – 1928).

4 A partir de 1801, a Grã-Bretanha se une ao Reino da Irlanda e se torna o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Ao longo do texto, o uso de “britânico” e “Reino Unido” levarão em conta esta configuração.

5 *British Fiction Database*. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/> (acesso em 02/12/2014).

semelhante à do CiTrIm, o que cria a possibilidade de um interessante intercâmbio de informações.

1. OS ROMANCES E A IMPRENSA PERIÓDICA: ANÚNCIOS PUBLICITÁRIO DE LIVROS NO *THE TIMES*

Ao todo, foram consultadas 5.824 edições do *The Times*, entre 1800 e 1820, onde localizei 3.596 anúncios de romances à venda; ou seja, a cada três edições, havia dois anúncios de romances sendo divulgados, em média. Estes anúncios apresentam 993 romances diferentes sendo anunciados pelo periódico, escritos por 389 autores. O *British Fiction Database* indica que 1125 obras ficcionais foram publicadas pela primeira vez no Reino Unido (incluindo traduções) neste período.

A maior parte dos anúncios de livros publicados no periódico *The Times* é composta por livros de conhecimento geral ou relacionados às práticas cotidianas. Não há muitas repetições de títulos; em geral, o mesmo anúncio aparece três, quatro vezes e não mais. Ainda assim, um mesmo romance poderia ser anunciado diversas vezes – basta ver o caso de *Thaddeus of Warsaw*, obra mais presente nas publicidades deste periódico, com 39 anúncios. Não foram 39 anúncios iguais, embora alguns deles tenham sido repetidos. *Thaddeus of Warsaw* aparecia em anúncios de outras obras da mesma editora, e sempre era mencionado quando havia lançamentos de sua autora, Jane Porter, o que garantiu sua assiduidade entre os anúncios. Trata-se de um recurso comum no *The Times*: sempre que um autor lança um novo livro, o editor aproveita para anunciar obras anteriores do mesmo, revelando que haveria um tipo de valorização nos anúncios, que discriminam autores/obras e as noções sobre eles.⁶ É possível afirmar que os anúncios têm formatação parecida, o que facilita sua identificação. Para exemplificar, transcrevo abaixo um anúncio:

Julien, from the French of Ducray-Duminil, by Mrs. Meeke. This day is published, in 4 large vols., 12 mo., price 20 s., sewed. *Julien; or, My Father's House*, a Novel; altered from the French of Ducray-Duminil, by Mrs. MEEKE. Printed for Lance, Newman, and Co., Minerva Office, Leaderhall-Street; and sold by Wm. Earle, Albemarle-Street; C. Chapple, Pall-Mall; Thomas Reynolds, Oxford-Street; and all Booksellers.⁷

6 Por exemplo, o anúncio do dia 20 de Agosto de 1819: “Just published, in 5 vols, 12mo., price 1 l. 15 s., boards, *The Scottish Chiefs*. Third edition. By Jane Porter. Also, by the same author: *Thaddeus of Warsaw*, 7th edition; and *Pastor's Fireside*, 2nd edition”. Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/tto/archive/page/1819-08-20/2.html> (acesso em 02/12/2014).

7 Anúncio do *The Times*, dia 6 de Agosto de 1807, p. 2

Se não se trata de um anúncio dedicado a uma obra exclusivamente, outras obras disponíveis na livraria são enumeradas, em geral acompanhadas de “also recently published” (para sinalizar as novidades). Encomendados, na massiva maioria das vezes, pelo editor do romance, os anúncios eram o chamariz de público tão amplo que engloba os próprios livreiros (que compravam os romances diretamente das editoras). Há alguns casos de anúncios feitos por tipografias e raros casos de anúncios de livrarias, havendo também a prática de combinar diversas informações (editor e livrarias; editor e tipografia; editor, tipografia e livrarias).⁸

Os anúncios são estreitamente ligados às novidades editoriais, já que são encomendados quando se publica uma nova edição de romance, ou quando este romance é publicado pela primeira vez. Algumas dessas editoras responsáveis pelos anúncios também funcionavam como livrarias, mas aparentemente não havia competição direta, pois divulgam a disponibilidade de suas obras em outros estabelecimentos – muitos anúncios garantem, inclusive, que determinada obra estava “disponível em todas as livrarias e bibliotecas do Reino Unido”. Essa estratégia de indicar disponibilidade em diversas livrarias foi utilizada no mínimo 130 vezes nos anúncios.⁹

CULTURA EDITORIAL E LETRADA NO REINO UNIDO.

Em sua trilogia sobre o longo século XIX, Eric Hobsbawm define o intervalo entre 1789 a 1848 como a Era das Revoluções.¹⁰ A Revolução Industrial e a Revolução Francesa, os dois marcos históricos centrais para tal definição, trouxeram consequências diversas e transformadoras para além das evidentes implicações políticas e econômicas – elas também alteraram substancialmente as trocas comerciais de impressos e os fluxos de circulação. O término da Era das Revoluções ocorreria após a Primavera dos Povos, ou Revoluções de 1848, cuja derrocada marca o início da Era do Capital.

Como desdobramento da Revolução Industrial, o historiador alemão Rolf Engelsing¹¹ defende a existência de uma Revolução da Leitura no final do século XVIII: para o autor,

8 Por exemplo, este anúncio publicado no dia 10 de dezembro de 1807, na segunda página: “A Glance At High Life. This day is published, in 3 vols, 12 mo, price 15 s., sewed, Life As It Is; Or, A Peep Into Fashionable Parties; a novel. ‘To shew/ The very age and body of the time, its form/ And pressure’. Printed at the Minerva Office, Leadenhall-street, for Lane, Newman, and Co.; and sold by C. Chapple, Pall-Mall; W. Earle, Albemarle-Street; and all booksellers; and at every Circulating Library”, sendo Lane, Newman, and Co. a editor, Minerva Office a tipografia, e C. Chapple e W. Earle os livreiros.

9 Um exemplo desta prática pode ser verificado no anúncio citado na nota de rodapé anterior.

10 HOBBSAWM, Eric. *The Age of Revolution: 1789-1848*. 1996.

11 ENGELSING, 1970, apud ROSE, 2002, p. 31

a produção de impressos em escala industrial alterou a forma com que o público leitor se relacionava com a cultura escrita – como exemplo, cita a mudança da leitura em voz alta para a silenciosa; da leitura intensiva de um grupo seletivo e restrito de textos para uma leitura extensiva de diversas obras; e o aumento considerável de leituras efêmeras, especialmente os jornais e revistas.

Sobre esta conceptualização da Revolução da Leitura, Roger Chartier desenvolve uma série de críticas; não no sentido de negar as observações feitas por Engelsing (e outros autores), mas sim em questionar a sucessão de modelos de leitura. Em contraponto à noção de substituição das leituras intensivas pelas extensivas, Chartier defende que a revolução “reside justamente na sua capacidade de mobilizar múltiplas maneiras de ler”¹² – ou seja, um mesmo leitor poderia realizar leituras intensivas e extensivas. Vale lembrar que o próprio Hobsbawm tece considerações sobre o termo revolução para evitar essa ideia de substituição definitiva de um modelo para outro, ou mesmo questionando a noção de completude de uma revolução.¹³

De toda forma, é possível afirmar que a produção literária britânica ao longo do século XIX é marcada por alterações tão significativas que poderiam ser consideradas revolucionárias; entre elas, destacam-se o aumento do público leitor, a expansão do mercado editorial e o estreitamento da cooperação entre literatura e imprensa. Não apenas o público leitor cresceu; a própria população do Reino Unido aumentou consideravelmente no decorrer do século. De 10,5 milhões de habitantes em 1800, passou-se a 37 milhões até 1901. O crescimento demográfico de 350%¹⁴ tem por consequência o aumento da proporção de crianças e jovens em relação aos adultos e idosos – algo que será significativo, uma vez que as medidas de alfabetização mobilizadas no país tinham como alvo as crianças.

Combinados com a migração rural para centros urbanos industriais (que se desenvolviam desde a metade do século XVIII), a Inglaterra encontrou-se marcada pelo uso da mão de obra infantil na indústria, pela formação das chamadas *slums* às margens das cidades, e pelo aumento do número de fábricas.¹⁵ O acirramento deste quadro resultou na criação de leis trabalhistas para os operários (chamados *Factory Acts*), que começam em

12 CHARTIER, Roger. Inscrever e Apagar. 2007. p. 266.

13 “If the sudden, qualitative and fundamental transformation, which happened in or about the 1780s, was not a revolution then the word has no commonsense meaning. The Industrial Revolution was not indeed an episode with a beginning and an end. To ask when it was ‘complete’ is senseless, for its essence was that henceforth revolutionary change became the norm” (HOBSBAWM, 1996, p. 29).

14 MOLLIER, Jean-Yves. 2001, p. 56.

15 WILLIAMS, Raymond. 1961, p. 135-137.

1802 com o “Health and Morals of Apprentices Act”,¹⁶ em que também consta a exigência de instrução aos aprendizes, que deveriam aprender aritmética, a ler e a escrever.¹⁷ As leis trabalhistas, em reconhecimento do grande número de trabalhadores infantis, passaram a incorporar noções de letramento (*literacy*).¹⁸

Se tomarmos os registros de casamentos, 67% dos noivos e 51% das noivas foram capazes de assinar seus nomes em 1840; até a virada do século, aproximadamente 97% dos registros foram assinados.¹⁹ As assinaturas não permitem deduzir a presença de leitores literários, mas este é um dado que demonstra um crescente acesso à cultura escrita e de valorização da mesma, por mais que o sistema educacional do período reproduzisse as desigualdades sociais.

As mudanças tecnológicas também contribuíram para a expansão do mercado editorial. A primeira invenção propriamente industrial no campo tipográfico foi adotada pioneiramente na imprensa por John Walter, fundador do jornal *The Times*, em 1814: a prensa a vapor, desenvolvida em Londres pelo alemão König, que tornou possível a impressão de mil e cem folhas por hora.²⁰ A eficiência da prensa a vapor só seria superada em 1856, com a prensa rotatória.²¹

Outra mudança tecnológica significativa foi no campo da produção de papel, com a máquina desenvolvida por Fourdrinier em 1806, capaz de produzir papel de maneira contínua, em rolos. Em 1800, eram produzidas 11.347 toneladas de papel; em 1837, o número já estava na escala de 40 mil toneladas.²²

A ampliação do público leitor, combinada com o desenvolvimento tecnológico no campo da impressão, colaborou também para o aumento das publicações periódicas. Em 1780, havia 76 jornais e revistas em circulação na Inglaterra e no País de Gales; entre 1800 e 1809, 154 novas publicações são fundadas; e até 1830, o número de novas publicações por década subiria para 968.

Foi justamente uma novidade tecnológica, a logografia, que levou John Walter, então desempregado e falido, a abrir uma tipografia e começar em 1785 a publicação do jornal diário *The Times*, então chamado *The Daily Universal Register in Great Britain*,

16 Desenvolvido para os trabalhadores em moinhos de algodão, as exigências mínimas destas leis trabalhistas explicitam a situação de vulnerabilidade dos mesmos: as jornadas diárias de até 12 horas são estabelecidas e cuidados higiênicos passam a ser cobrados, como a lavagem dos saguões duas vezes ao ano e o fornecimento anual de roupas novas.

17 HUTCHINS & HARRISON, 1911, p. 16-17.

18 IDEM, p. 21.

19 MITCH, 1992, pp. 340.

20 ROSE, 2002, p. 31

21 IDEM, p. 31.

22 IDEM, p. 32.

cuja mudança de nome se deu três anos depois. O sistema de impressão, entretanto, não se mostrou adequado à demanda e foi substituído em 1814 pela nova prensa a vapor de König; no ano seguinte, o jornal teria a circulação de 5000 exemplares na cidade de Londres e atingiria a marca de 50 mil em 1850.²³

Matthew Rubery²⁴ afirma que o jornal era altamente politizado de uma maneira conservadora, ainda que não declarasse seu posicionamento partidário. De maneira mais incisiva, o mesmo autor descreve “um tédio patriarcal por trás do *The Times*”.

2. MERCADO EDITORIAL BRITÂNICO: EDITORAS, TIPOGRAFIAS E LIVRARIAS

As atividades de editoras, tipografias e livrarias não eram vistas com muita distinção na maior parte dos países neste momento. Mas uma série de questões judiciais, envolvendo os Atos de Direitos Autorais, fez com que a divisão do trabalho na produção de impressos fosse mais marcante no Reino Unido.²⁵

O Gráfico 1 (abaixo) mostra as 12 editoras responsáveis pela maior parte da publicidade de romances no *The Times*: Longman and Co.; Sherwood and Co.; Minerva Press; Henry Colburn; Cadell and Co.; G. Walker; Lackington; J. Johnson; Rivington; Cradock and Joy e Archibald Constable and Co.. Como são muitas casas em pleno funcionamento, comentarei brevemente a atividade das três principais casas editoriais do período (as duas com maior número de anúncios e a editora com maior tiragem de romances). Os nomes das editoras tiveram que ser simplificados por conta das variações que sofreram ao longo dos vinte anos, o que nos permite perceber como as relações entre editores, tipografias e livrarias foram sendo construídas.²⁶

23 Referências sobre o *The Times* extraídos de BRUCKNER, 1995. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1995/11/20/business/earlier-media-achieved-critical-mass-printing-press-yelling-stop-presses-didn-t.html> (acesso em 02/12/2014).

24 RUBERY, 2009, p. 5

25 Entre 1710 e 1842, entra em vigor o Estatuto da Rainha Ana, assegurando que apenas o autor e as editoras que ele licenciasse poderiam publicar suas obras - princípio dos direitos autorais. Até então, sob a vigência do Estatuto de Licença para Impressão de 1662, as tipografias permitidas pela Stationer's Company tinham o monopólio da licença para imprimir e censurar as obras, o que demonstra a força e a organização das tipografias em relação às editoras e aos próprios autores. Ver: ROSE, M. 1993.

26 Os responsáveis pelo British Fiction Database disponibilizam uma página para esclarecer as parcerias e rompimentos, disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/guide/publisherlist.html> (acesso em 02/12/2014).

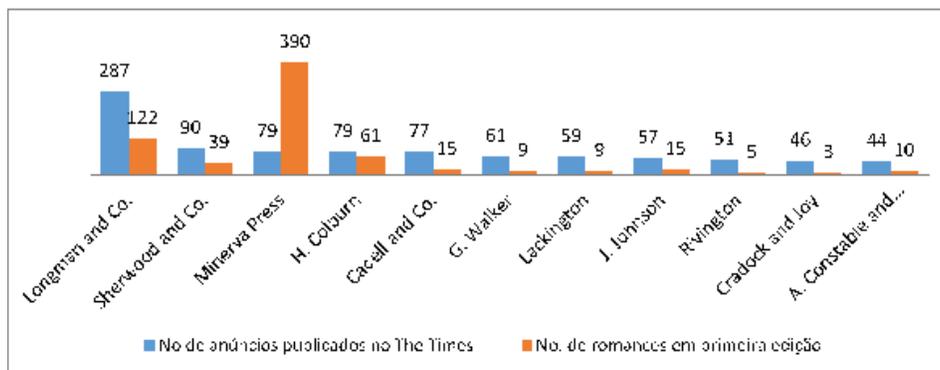


Gráfico 1: Principais editores anunciantes entre 1800 e 1820, contando seus anúncios no jornal *The Times* e o número de romances cuja primeira edição foi produzida no período. Fonte: *British Fiction Database* e CITRIM.

Ao lado do número de anúncios do *The Times*, o gráfico apresenta o número de romances cuja primeira edição foi produzida pelas editoras no mesmo intervalo de tempo²⁷, demonstrando as várias maneiras possíveis de se inserir no mercado editorial. A diferença destes números dá indício das estratégias publicitárias adotadas pelos editores ao contratarem um serviço caro como os anúncios em jornais, cujo preço variava entre £20 e £300, constituindo um gasto significativo no orçamento de editores.²⁸

De modo geral, o primeiro número (número de anúncios presentes no *The Times*) é maior que o segundo (publicação de primeiras edições de romances), algo explicável por conta de que nem todos os romances anunciados foram publicados pela primeira vez no período de 1800 a 1820 (no caso de reimpressões de romances cujas primeiras edições datam de séculos anteriores), e porque a maioria dos anúncios é repetida ao menos uma vez.

A notável exceção a essa tendência é a editora Minerva Press, que possui uma estratégia publicitária – não comumente adotada – de divulgar muitas obras em cada anúncio (mais ou menos cinco, chegando até 40 obras em um mesmo anúncio), enquanto as outras editoras quase sempre optam por lançar a média de duas obras por anúncio.

A Minerva Press, fundada por Willian Lane em 1780, também possuía uma biblioteca circulante, uma forma mais acessível de se obter romances: por uma taxa anual, os membros

27 Este recorte de seleção, feito pelo British Fiction, 1800-1829: A Database of Production, Circulation, and Reception, disponibiliza tanto obras nacionais quanto estrangeiras, conquanto que a primeira edição da primeira e a primeira tradução para o inglês da segunda tenham sido feitas no intervalo de tempo já mencionado. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/> (acesso em 02/12/2014).

28 MAYS, 2000, p. 16.

da biblioteca podiam ter acesso às obras.²⁹ Conhecida por publicar romances góticos e por possuir um seletivo grupo de autores que colaboravam intensamente (possivelmente os mais prolíficos do período), a Minerva é responsável pelo maior número de romances anunciados no *The Times*, assim como muitas das obras mais divulgadas em suas páginas são desta casa editorial.

O grupo de editoras mais bem sucedido do período se formou em torno de Thomas Longman. Entre sua fundação, em 1724, até o ano de 1799, o grupo passou por onze mudanças em sua nomeação, resultado das associações feitas com outras editoras. Havia um motivo para tantas parcerias e pelo interesse dos descendentes em manter os negócios: sua prosperidade foi a maior do século, tanto que a editora nunca fechou. O legado de Thomas Longman III foi de £200,000; os de seus parceiros Thomas Brown e Bevis Green, £100,000 e £200,000 respectivamente.³⁰

Nem todas as editoras conseguiam manter a estabilidade da Longman and Co., mas conheceram grande sucesso. Para Kelly J. Mays,³¹ o caso mais célebre das atividades editoriais britânicas oitocentistas é protagonizado pela Archibald Constable and Co. Para a autora, foi após o lançamento de *Waverly*, o primeiro romance de Walter Scott, em 1814, que o Reino Unido conheceu o potencial do público leitor deste gênero – e o lucro que poderia ser gerado com ele. De fato, o sucesso das “novelas históricas” de Walter Scott é notório; enquanto a maioria dos romances do período possuía uma tiragem em torno de 500 e 900 cópias, *Waverly* já rendeu mil cópias desde a primeira edição, todas vendidas em três meses, tornando necessário providenciar mais 2.000 cópias. Até 1829, seriam vendidas mais de 40.000 publicações.³² Além de *Waverly*, Scott publicou mais dezoito romances com a editora.³³

Contudo, a fórmula do sucesso de Constable não durou tanto quanto se imaginava, pois o editor foi à falência em 1826 com uma dívida de £250,000 – inclusive o próprio Scott teve um débito no valor de £120,000, e então passaria a editar seus romances com a Cadell and Co.³⁴ Esta impressionante mudança de fortuna para déficit demonstra o quão arriscado era apostar em grandes números no campo da publicação.

29 Informação disponível em Brief History of Minerva, da editora Valancourt Books, responsável pela republicação de seus títulos. Disponível em: <http://www.valancourtbooks.com/minerva-press.html> (acesso em 02/12/2014).

30 BRIGGS, 1974, p. 10 apud MAYS, 2002, p. 14

31 MAYS, J. 2002, p. 11

32 IDEM, p. 12.

33 Informação disponível no British Fiction Database: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/authorTitles.asp?author=725> (acesso em 02/12/2014).

34 IDEM, p. 13.

ROMANCES CONTEMPORÂNEOS E DE SÉCULOS PASSADOS

Os anúncios explicitam a expansão do mercado editorial na oferta de romances, uma vez que é anunciado um grande número de obras publicadas pela primeira vez depois de 1800. Mas não só de primeiras edições são feitas as publicidades; há também diversas obras de séculos passados convivendo em suas páginas – no caso britânico, sobretudo aquelas que seriam canonizadas no século XX. Autores como Alain-René Lesage, Jean-François Marmontel, Laurence Sterne, Henry Fielding, e Daniel Defoe figuravam em coleções sobre literatura e foram diversas vezes reeditados ao longo do século. Quando estas obras eram reeditadas, um impressionante número de editores se mobilizava em participar da edição; a obra *The Works of Henry Fielding* mobilizou 30 editoras diferentes em 1808.³⁵

Entre os cinco romances mais anunciados nas páginas do *The Times*, um foi produzido no século XVII e outro no XVIII: *Histoire de Gil Blas de Santillane*, de Alain-René Lesage (1715 – 1735), anunciado 34 vezes, e *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon (1699), anunciado 31 vezes. Ainda entre os romances franceses dos séculos anteriores, constam no topo dos mais anunciados *Bélisaire*, de Marmontel (1767), com 17 anúncios, e *Le Diable Boiteux*, de Alain-René Lesage (1707), com 16 anúncios.

As obras do século anterior britânicas também se destacam: *The History of Tom Jones, a foundling*, de Henry Fielding (1749) aparece 21 vezes; *The Vicar of Wakefield*, de Oliver Goldsmith (1761 – 1762), 18 vezes; *A Sentimental Journey Through France and Italy*, Laurence Sterne (1768), 14 vezes; *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1719), 14 vezes; *The Castle of Otranto*, de Horace Walpole (1764), também com 14 anúncios.

Quando se trata de coleções de romances célebres de outros séculos, as listagens são exaustivas – as de C. Cooke, por exemplo, trazem uma lista de 37 obras.³⁶ As informações na parte superior são focadas nas características das edições; quantas páginas cada volume possui, suas ilustrações (as coleções geralmente possuem gravuras), a qualidade da impressão e dos papéis, e características afins. Grosso modo, essas edições são destacadas enquanto luxuosas, ilustradas, de qualidade, e muitas delas trabalham com estratégias para tornar cada volume mais barato, por isso são chamadas de “cheap novels”.

35 As editoras são: J. Johnson, J. Nichols and Son, R. Baldwin, F. and C. Rivington, Otridge and Son, W. J. and J. Richardson, R. Faulder, G. Nicol and Son, T. Payne, W. Lowndes, Wilkie and Robinson, Ogilvy and Son, Scatcherd and Letterman, Lane and Newman, J. Walker, Vernor and Hood, R. Lea, T. Nuun, Lackington, Allen and Co, Cuthell and Martin, P. and W. Wynne, C. Law, Longman, Hurst, Rees, and Orme, Cadell and Davies, T. Booker, S. Bangster, J. Mawman, R. H. Evans, J. Asperne, J. Miller and Joseph Harding

36 Anúncio do jornal *The Times*, 31 de maio de 1802, p. 2. Cooke's Cheap and Elegant Pocket Library. Fonte: *The Times Archive*.

3. PARTICIPAÇÃO FEMININA: AUTORAS DOMINAM A CENA DOS ROMANCES

Em contraste ao restrito grupo de autores celebrado pela História Literária, a pesquisa em anúncios publicitários nos permite atestar como grande parte dos escritores de “romances populares”³⁷ foram esquecidos na constituição de cânones. Em semelhança ao que Sandra Vasconcelos afirma em seus estudos sobre romances ingleses do século XVIII, percebi que principalmente as mulheres foram esquecidas neste processo.³⁸

Dos 1.515 romances produzidos pela primeira vez no Reino Unido entre 1800 e 1820, 739 foram escritos por mulheres, 528 por homens e 248 por anônimos que não permite identificar o gênero do autor (a);³⁹ o que evidencia que a maioria da produção de romances foi feita por autoras. Entre os 389 autores anunciados no *The Times*, 201 eram do sexo feminino, 186 do masculino, além dos livros cuja autoria é desconhecida ou que foram assinados por autores variados, o que torna as mulheres, mais uma vez, a maioria.

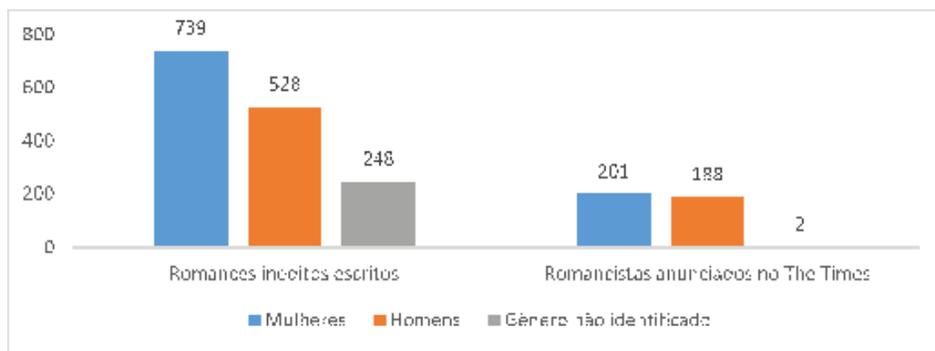


Gráfico 2: Romances produzidos e romancistas anunciados no *The Times* entre 1800 e 1820, divididos por gênero do autor. Fonte: British Fiction Database, CiTrIm

A maciça presença feminina não passava despercebida, uma vez que o papel plural da mulher na sociedade estava em plena discussão: a publicação de *A Vindication of*

37 “Populares” no sentido de: “(...) ‘Populares’, isto é, obras sem qualidades literárias reconhecidas que se destinavam única e exclusivamente a alimentar o mercado de novelas e a atender a demanda do público leitor na Inglaterra e, certamente, na França”. VASCONCELOS, Sandra G. T. S/d.

38 _____. IDEM.

39 Alguns romances com autoria desconhecida fazem indicação do gênero do autor, através de assinaturas como “By a Lady”, “By an Englishman”, etc.

the Rights of Woman,⁴⁰ de Mary Wollstonecraft, em 1792, reflete uma polêmica cujo desenvolvimento dividiu opiniões no mundo letrado e que acarretou em diversas mudanças sociais nos séculos seguintes (no XIX, sobretudo ao acesso das mulheres à educação e ao direito de herança e propriedade).

A discussão também estava de certa forma relacionada com a sempre mencionada Revolução Francesa, que Wollstonecraft apoiava e defendia. O seu ensaio sobre as mulheres foi uma continuação de *A Vindication of the Rights of Men*,⁴¹ de 1790, em resposta ao livro de Edmund Burke do mesmo ano, *Reflections on the Revolution in France*, uma defesa da aristocracia – o que, para autora, significava uma defesa implícita da escravidão e da passividade feminina.⁴² Contudo, os posicionamentos nesta questão são variados: há autores favoráveis à mudança da posição feminina na sociedade e contrários à Revolução Francesa; há quem seja contra a igualdade entre homens e mulheres, mas favoráveis à conquista de alguns direitos femininos.

Uma vez que o jornal *The Times* é conservador em relação à conquista dos direitos das mulheres, os romances inseridos nesta temática anunciados no jornal são reticentes quanto à necessidade da igualdade entre homens e mulheres – quando não se trata de romances abertamente contrários ao movimento. Além dos romances, diversos ensaios e tratados sobre a educação, a prosperidade, os deveres e direitos das mulheres aparecem nos anúncios.

Entre os autores mais anunciados, as cinco primeiras são mulheres: Anna Maria Porter, Jane West, Jane Porter, Amelia Anderson Opie e Maria Edgeworth. Exceto Maria Edgeworth, cujas obras foram editadas por J. Johnson, todas publicavam pela Longman and Co. – o que interfere diretamente nos altos números de seus anúncios, já que se trata do editor mais assíduo nas publicidades de romance.

Apesar de estas cinco autoras serem muito lidas no período, algumas terem prestígio entre os letrados e boa recepção crítica, elas permanecem em boa parte apartadas das historiografias literárias. Em contraste, duas autoras do período costumam ser mais citadas: Jane Austen e Mary Shelley. As duas foram pouco anunciadas, com respectivamente 4 anúncios, de *Pride and Prejudice* e de *Sense and Sensibility* (2 para cada), e 3 anúncios de *Frankenstein; or, The Modern Prometheus*. *Sense and Sensibility*. Segundo algumas resenhas críticas disponibilizadas pelo *British Fiction Database*, *Sense and Sensibility*

40 Disponibilizado pelo Projeto Gutenberg em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/3420> (acesso em 02/12/2014)

41 Disponibilizado pela Projeto Gutenberg em: <http://oll.libertyfund.org/titles/991> (acesso em 02/12/2014)

42 WOLLSTONECRAFT. *A Vindication of the Rights of Woman*. 1790, p. 112-114.

teve bom reconhecimento pela crítica⁴³ – trata-se do único romance anunciado no *The Times* com a inscrição “Extraordinary Novel”,⁴⁴ ao passo que a maioria das obras ficcionais eram descritas no máximo como “Very interesting novel”. Mary Shelley, filha de Wollestonecraft, não chegou a ter tão calorosa recepção; embora as críticas de *Frankenstein* fossem predominantemente positivas, em uma delas foi afirmado que Shelley pretendia imitar o estilo dos alemães, o que, para crítico, era algo negativo.⁴⁵

Uma vez que o jornal *The Times* é conservador em relação à conquista dos direitos das mulheres, os romances inseridos nesta temática anunciados no jornal são reticentes quanto à necessidade da igualdade entre homens e mulheres – quando não se trata de romances abertamente contrários ao movimento.

OBRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

A maioria dos anúncios de romances publicado no *The Times* é de autores de origem britânica, portanto escritos originalmente em língua inglesa. O crescente mercado editorial do Reino Unido era capaz de abastecer as livrarias e suprimir as demandas dos leitores; além de, aparentemente, a produção nacional ser mais valorizada do que as estrangeiras. Nos 3.596 anúncios de romances à venda, há 795 propagandas de romances ingleses. Em segundo lugar, com 134 anúncios, estão os romances de língua francesa, e com 56 anúncios, os romances alemães, como apresenta o Gráfico 3.



Gráfico3: Língua original das obras anunciadas. Fonte: CiTrIm

43 Critical Review, 4th ser. 2 (Setembro, 1812), pp. 277–81. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/loya12-64.html> (acesso em 02/12/2014).

44 Anúncio do *The Times*, em 8 e 9 de novembro de 1811, p. 2: “EXTRAORDINARY NOVEL! This day is published, in 3 vols, price 15 s., Sense and Sensibility, a novel. By a lady. Published by T. Egerton, Whitehall, and sold by every bookseller in the United Kingdom”.

45 Critical Review, 4th ser. 2 (Setembro, 1812), pp. 277–81. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/loya12-64.html> (acesso em 02/12/2014).

Chama a atenção o fato de mais de 80% dos títulos anunciados ter sido escrito originalmente em inglês, o que mostra que a suposta supremacia francesa na “república mundial das letras”⁴⁶ não era nada evidente quando se considera a Inglaterra. Este dado nos permite também perceber certa ambivalência na relação entre Inglaterra e França: a presença cultural francesa não é desprezível, como vemos nos números dos anúncios, ao mesmo tempo em que há o desenvolvimento de uma política antijacobina entre os britânicos, especialmente no *The Times*.

Os anúncios publicitários estão repletos de ensaios e livros de história críticos em relação à França e, simultaneamente, possuem um considerável número de romances franceses sendo consumidos no país. As críticas à França eram por vezes tão exageradas que há um ensaio bastante peculiar que condena o escritor britânico Laurence Sterne por supostamente propagar as ideias francesas, conforme se vê no anúncio abaixo:

Hoje é publicado, preço 6 d.: A falácia da liberdade francesa, e a tendência perigosa dos escritos de Sterne; ou, um ensaio mostrando que a falta de religião e a falta de moral pavimentam o caminho para a tirania e a anarquia; e que os escritos de Sterne são tanto ateístas quanto imorais; concluindo com algumas observações sobre o estado atual da França. Por D. Whyte, MD: antigo cirurgião de prisioneiros ingleses na França.⁴⁷

O livro de Grenby intitulado *Anti-Jacobin Novel: British Conservatism and the French Revolution*⁴⁸ informa que há mais romances antijacobinos do que jacobinos sendo produzidos e consumidos no Reino Unido entre o final do século XVIII e o começo do XIX – algo que as pesquisas anteriores no assunto, feitas por Gregory (1915), Tompkins (1932) e Butler (1975), já davam a entender, segundo Grenby.

O movimento antijacobino foi fomentado tanto pela propaganda do Estado quanto pelas discussões da população, que viveu períodos de ansiedade em relação aos desdobramentos da Revolução Francesa. A simpatia dos britânicos pelo movimento perdeu força após a divulgação das execuções e do regicídio, alimentando o que os historiadores chamaram de “Revolution debate” ou “war of ideas”.⁴⁹

46 CASANOVA, op. cit.

47 *The Times*, 25 de janeiro de 1800, p. 2. Tradução de: “This day is published, price 6 d.: The Fallacy of French Freedom, and the dangerous tendency of Sterne’s writings; or, an essay showing that Irreligion and Immorality pave the way for Tyranny and Anarchy; and that Sterne’s writings are both Irreligious and Immoral; concluding with some Observation on the present state of France. By D. Whyte, MD: late surgeon to English prisoners in France. ‘A land of levity is a land of guilt’ Young”

48 GRENBY, M. O. *Anti-Jacobin Novel: British Conservatism and the French Revolution*. 2001.

49 GRENBY. 2001, p. 5.

Depois que as tropas de Napoleão tentaram desembarcar na Irlanda e Escócia em 1796, 1797 e 1798,⁵⁰ questões de opinião passaram a ser encaradas como perigos iminentes. Defender o movimento jacobino passou a ser sinônimo de falta de patriotismo e de lealdade e, com o acirramento do puritanismo no país, os jacobinos passaram a ser combatidos inclusive por motivos morais:

Sem dúvidas, o movimento antijacobino tem suas raízes no antigalicanismo e no anticatolicismo, que dominou a composição psico-ideológica da identidade britânica por muitas décadas. Mas também foi alimentada por propagandas de vários tipos, que encorajavam o público britânico a compreender os eventos sem precedentes da França como uma catástrofe de proporções quase bíblicas, não como uma série de incidentes políticos, mas como uma grande ofensa moral contra a virtude, a natureza e contra Deus.⁵¹

Apesar do clima de medo em relação à França, os romances deste país que não oferecessem interpretações revolucionárias continuaram a ser bem quistos, sobretudo os romances com caráter moral do século XVII e XVIII, como os livros mais anunciados no período indicam. Entre os autores franceses mais citados, estão Alain-René Lesage, com 50 anúncios (34 de *Histoire de Gil Blas de Santillane* e 16 de *Le Diable Boiteux*); François Fénelon, com 31 anúncios (de *Les Aventures de Télémaque*); Félicité de Genlis, com 25 anúncios (obras variadas), Jean-François Marmontel, com 24 (obras variadas), e Marie Sophie Ristreau Cottin, com 15 (obras variadas).

Há também casos curiosos de livros que se dizem traduções de manuscritos antigos, cujas referências nunca foram encontradas: é o caso de *Gomez and Eleonora*, anunciada em 1800, supostamente do espanhol; *Swedish Mysteries, or Hero of the Mines*, supostamente sueco, em 1801; *Italian Jealousy: Or, The History Of Lady Georgina Cecil*, em 1803, do francês; *Fate; or, Spong Castle*, em 1803, tão imaginativo que afirma que o manuscrito teria sido encontrado em uma escavação em Yorkshire⁵²; *Martin & Mansfeldt, Or The Romance Of Franconia*, em 1808, do alemão; *The Castle of Villa-Flora*, em 1819, um “manuscrito encontrado por um soldado britânico em uma velha mansão em Portugal”.⁵³ Possivelmente essas obras foram escritas pelos que se declararam como

50 IDEM. P. 6.

51 IDEM. P. 12. “Undoubtedly it [the anti-jacobin movement] had its roots in the anti-Gallicanism and anti-Catholicism which had dominated the psycho-ideological composition of British identity for many decades. But it was also fed by a propaganda of various sorts which encouraged the British public to comprehend the wholly unprecedented events in France as a catastrophe of quasi-biblical proportions, not as a series of political incidents but as a great moral offence against virtue, nature and God”

52 Consultado no British Fiction Database: <http://www.britishfiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1803A072> (acesso em 02/12/2014).

53 Consultado no British Fiction Database: <http://www.britishfiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1819A003> (acesso em 02/12/2014)

tradutores, um recurso utilizado para dar credibilidade e prestígio históricos para a obra, além de aproximá-las dos romances históricos, de grande popularidade no período.⁵⁴

ABOLICIONISTAS E ANTIABOLICIONISTAS: DISCUSSÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NO *THE TIMES* E SUA REPRESENTAÇÃO NOS ROMANCES

O comércio britânico de escravos começou em 1562, durante o reinado de Elizabeth I, quando houve a primeira expedição escravagista.⁵⁵ Contudo, este comércio passou a ser visto com muitas críticas sob os mais diversos aspectos (econômico, político, ético, humano) com o passar dos anos, tornando-se um assunto efervescente no Reino Unido do século XVIII, com o crescimento do movimento abolicionista e sua cobrança para que o comércio escravista acabasse. Em 1789, Thomas Clarkson e os simpatizantes da causa do abolicionismo criaram a *A Society for Effecting the Abolition of Slavery*, que desde então procurou apoio do Parlamento para dar fim à prática da escravidão⁵⁶. Os resultados da pressão só começaram a surtir efeitos 18 anos depois, quando o *Ato Contra o Comércio de Escravos* é assinado;⁵⁷ a escravidão propriamente dita é apenas proibida em com o Ato de Abolição da Escravatura de 1833.⁵⁸

No *The Times*, os textos editoriais mostravam-se contrários à escravidão, mas faziam ressalvas para a transição de um modelo a um novo, por receio de que pudesse instabilizar a economia do país.⁵⁹ Nos anúncios de livros à venda, vemos exemplares que discorriam sobre a situação desumana, sobretudo em livros religiosos que condenavam a prática, sobre os engendramentos comerciais e econômicos da escravidão e sobre a situação dos africanos e afrodescendentes.

Encontrei apenas um anúncio de livro que se posicionava claramente pela defesa da manutenção do comércio escravista.⁶⁰ Como apenas tive acesso ao título das obras, uma

54 Márcia Abreu discute este recurso em Caminhos do Romance. 2003

55 DAVID, D. Empire, Race, and the Victorian Novel. 2002. P. 85-86.

56 IDEM.

57 O Ato foi divulgado timidamente no *The Times*, primeira página, em 26 de março de 1807: “Parliamentary Intelligence. House of Lords, Tuesday, March 24. (...) The Slave Trade Bill was returned from the Commons, with a Message that they had agreed to the Amendment made by their Lordships”.

58 O Ato foi divulgado no *The Times* no dia primeiro de agosto de 1834, ocupando toda a terceira folha da edição.

59 *The Times*, 2 de junho de 1804, p. 3.

60 Infelizmente, não recolhi o anúncio do livro em defesa da escravidão, mas sei que foi publicado em 1807, logo após o Ato Contra o Comércio de Escravos daquele ano.

vez que não pude ler os exemplares, diria que o título da maioria não dava a entender qual seria a posição do autor, pois se referem aos efeitos da escravidão, sem acrescentar nenhum juízo de valor. Por fim, havia os livros engajados na denúncia dos horrores da escravidão, como descrito no anúncio abaixo:

Os horrores da escravidão negreira, agora existindo nas Ilhas das Índias Ocidentais; demonstrados a partir de documentos oficiais recentemente apresentados à Câmara dos Comuns do Reino Unido. Impressos para J. Hatchard, 190, Piccadilly. ⁶¹

A escravidão também inspirou obras ficcionais além dos romances, havendo peças de teatro e poesias sobre a prática – estes, em sua maioria denunciatórios e abolicionistas, caso do anúncio abaixo:

Hoje é publicado, com a adição de ilustrações, impresso em papel médio de qualidade, em prensa, uma nova edição, preço 2 s. e 6 d., Os Escravos Negros, uma peça teatral histórica, em três atos. Traduzido do alemão de Kotzebue. ⁶²

Seis romances publicados entre 1800 e 1820 possuem como temática central a escravidão e penas três deles foram anunciados em jornais, sem receber comentários críticos, segundo o *British Fiction Database*. É o caso de *Zoflora; or, the generous negro girl*, tradução do francês Jean Baptiste Picquenard, feita em 1804, e anunciado 4 vezes no *The Times*; nas duas vezes, sem estar em destaque. *Yambo; or, the north-american slave* (1811), anônimo, foi anunciado duas vezes e no periódico *Star* ⁶³ e outras duas no *The Times*, entre outros oito romances, também sem destaque. ⁶⁴

Montgomery; Or, The West-Indian Adventurer (1812), assinado por “A residente of Jamaica”, foi anunciado 5 vezes no *The Times* e 2 vezes no *Morning Chronicle*, todos com o mesmo preço, volumes e descrição: “The principal scenes of this interesting Novel are laid in Jamaica, in which Island the Author had resided upwards of 25 years, and it contains a just picture of the manners and customs of all classes in that Island, and of the present state of the Negroes in slavery”. ⁶⁵ Recebeu uma crítica predominantemente positiva no *Monthly Review*. ⁶⁶

61 Anúncio do *The Times*, 10 de maio, 1805, p. 2. The horrors of negro slavery. Fonte: The Times Archive.

62 Anúncio do *The Times*, 6 de março de 1800, p. 2. The negro slaves. Fonte: The Times Archive.

63 *Star*, 30 de Setembro de 1811, p. 1. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1812A018> (acesso em 02/12/2014).

64 Anunciado no *The Times*, em 23 de Agosto de 1811 e 24 de outubro de 1811, ambos na página 2.

65 Anunciado no *The Times*, no primeiro, segundo e décimo dias de outubro de 1817, e no dia 26 e 27 de dezembro de 1817, p. 2. No *Morning Chronicle*, em 11 de julho de 1817, p. 4, e 16 de julho de 1818, p. 1.

66 *Monthly Review*, 2nd ser. 76 (Janeiro, 1815), pp. 101–02. Disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1812A009> (acesso em 02/12/2014).

Zimao, the African, foi publicado em 1800 como se fosse uma tradução; entretanto, o *British Fiction Database* indica que nenhum original foi encontrado e que provavelmente o tradutor, Weeden Butler, seria o autor.⁶⁷ Possui apenas um anúncio no *The Times*, mas não foi ignorado pela crítica, recebendo dois comentários positivos.⁶⁸

Por fim, há dois contos em prosa sobre a escravidão presentes em coletâneas de romances. Um deles, “Love and Humility, or the Prince and the Slave”, publicado em *Romances by Isaac Disraeli*, de 1796, foi anunciado quatro vezes no *The Times*.⁶⁹

O outro, cujo título é *Zilson, the African*, autoria de Rev. Weeden Ethle, foi publicado em *The Novel Reader*, obra que não consta na *British Library* e nem no *British Fiction Database*; seu único indício de existência é seu anúncio do *The Times*.⁷⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira metade do século XIX, o Reino Unido combinava diversos fatores que contribuíam para a expansão de seu mercado editorial: crescimento demográfico aliado à alfabetização, desenvolvimento industrial e tecnológico, aumento da atividade tipográfica na publicação de jornais, revistas e livros, o crescente número de livrarias e editoras, e o aparecimento de formas mais acessíveis de contato com os impressos, como as bibliotecas circulantes e as publicações de “cheap books”.

O romance já era um gênero em ascensão no país desde o século XVIII, e sua produção, circulação e recepção também pode ser ali verificada: os anúncios publicitários davam conta das novidades que chegavam ou eram produzidas no país, além de revelar quais romances dos séculos passados se mantinham populares com as reedições e coletâneas. Existe uma predominância feminina neste gênero, desde sua produção, pelo fato de a maioria ser feita por mulheres, até sua recepção, pela frequente correlação estabelecida entre romances e leitoras.

Pelo recorte histórico dos anúncios do *The Times*, entre 1800 e 1820, percebemos a interação entre sociedade, opinião pública e romances. Há conflitos, como o impasse da

67 Informação disponível em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1800A020> (acesso em 02/12/2014).

68 A primeira do *Monthly Review*, 33 (Setembro, 1800), pp. 111–12, é relativamente curta. A segunda crítica consiste-se na transcrição do apêndice do romance, em que o autor faz uma crítica à escravidão. *Critical Review*, 2nd ser. 32 (Maio, 1801), pp 119–20. Disponíveis em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/zima00-21.html> (acesso em 02/12/2014).

69 Anúncios no *The Times* em 4, 7 e 8 de janeiro de 1800, e 4 de fevereiro do mesmo ano, p. 2

70 Anúncio no *The Times* em 6 de março de 1800, p. 2. *The Novel Reader*, em que consta uma obra sobre um escravo. Fonte: *The Times Archive*.

presença cultural francesa, perceptível pelo fato de ser a segunda língua mais presente nos romances anunciados do país, *versus* sua política conflituosa com a Inglaterra, estampada em todas as seções de política do jornal, revelando o que alguns autores chamam de “war of ideas”, o conflito entre jacobinos e antijacobinos. Os próprios romancistas tomavam partido na polêmica e suas obras demonstram suas ideias de sociedade, moral e política.

Entre estas discussões, a da escravidão dividiu opiniões. Os abolicionistas pressionavam o Parlamento para que a prática fosse extinta e se valiam de obras ficcionais e não ficcionais para denunciar a desumanidade do comércio escravista. Contudo, a escravidão só foi proibida oficialmente em 1835. Em certo sentido, o romance também desempenhou o papel de discorrer sobre questões públicas fundamentais.

A presença maciça feminina nos romances não passou despercebida, articulando-se com as discussões sobre a posição ocupada pelas mulheres na sociedade de então, na qual elas mesmas tentavam ganhar espaço e conquistar direitos. Nesse sentido, algumas autoras eram mais conservadoras, como Jane West, Anna Maria e Jane Porter, outras mais progressistas, como Maria Edgeworth, e até mesmo “radicais”, como Amelia Opie, assumidamente favorável à Revolução. Ainda que discordassem sobre a igualdade entre homens e mulheres, todas se engajaram na causa da ampliação da educação das mulheres – até mesmo ensaístas conservadoras, como Hannah More.

Os grupos de editoras responsáveis por essas impressões, repletos de parcerias e desentendimentos, mantinham em perspectiva a intenção de obterem lucro – e, após o sucesso de *Waverly* em 1814, de Walter Scott, muitos passaram a apostar nos romances. Alguns já se consagravam no ramo desde o século XVIII, como a Minerva Press, a editora que mais publicou novos romances entre 1800 e 1820. Longman and Co., também datada do final do XVIII, demonstrou mais estabilidade do que qualquer outra (tanto que se mantém ativa até hoje) e se tornou a casa editorial mais bem-sucedida do século, deixando boas cifras para seus herdeiros. Outra, a Archibald Constable and Co., prosperou subitamente com os livros de Scott, tendo um lucro até então inédito, em 1814, e logo em seguida faliu por seu gosto por negócios arriscados, em 1826.

Pelo recorte histórico dos anúncios do *The Times*, entre 1800 e 1820, percebemos a interação entre sociedade, opinião pública e romances. Há conflitos, como o impasse da presença cultural francesa, perceptível pelo fato de ser a segunda língua mais presente nos romances anunciados do país, *versus* sua política conflituosa com a Inglaterra, estampada em todas as seções de política do jornal, revelando o que alguns autores chamam de “war of ideas”, o conflito entre jacobinos e antijacobinos. Os próprios romancistas tomavam partido na polêmica e suas obras demonstram suas ideias de sociedade, moral e política. Essas percepções, possíveis apenas pela abordagem de jornais diários como fontes primárias, permitem compreender de maneira renovada como se dava a circulação de

impressos no início do século XIX, ampliando a visão que uma historiografia centrada em territórios nacionais tornou excessivamente reduzida.

BIBLIOGRAFIA

BLAKEY, Dorothy. *The Minerva Press: 1790-1820*. London, Oxford University Press, 1939.

BRUCKNER, D. J. R. “How the Earlier Media Achieved Critical Mass”. In *The New York Times*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: 20 de Novembro, 1995. Disponível em : <http://www.nytimes.com/1995/11/20/business/earlier-media-achieved-critical-mass-printing-press-yelling-stop-presses-didn-t.html> (acesso em 02/12/2014)

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CRIPPA, Giulia & Souza, William E. R. “A materialidade do livro de bolso e a expansão do público leitor entre os séculos XV e XIX”. In *Intexto*, n.27. Porto Alegre, Brasil: UFRGS, dez. 2012.

DAVID, Deirdre. *Empire, Race, and the Victorian Novel*. In: BRANTLINGER, Patrick & THESING, William B. *Companion to the Victorian Novel*. Massachusetts, EUA: Blackwell Publishers Ltd, 2002. Pp. 84-100.

FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. “Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos”. In *Escritos*, ano 5. N. 5. Rio de Janeiro, Brasil: Revista da Fundação Casa Rui Barbosa, 2011. Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/revistas/Escritos_5/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf (acesso em 30/08/2014).

HALL, S. C. *A book of memories of great men and women of the age, from personal acquaintance*. Londres: View, 1877. Disponível pelo *Internet Archive* em: <https://archive.org/details/cu31924104003144> (acesso em 02/12/2014)

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções – 1789-1848*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2009.

HUTCHINS & HARRISON, *A History Of Factory Legislation*, 1911.

LYONS, Martyn. “Les best-sellers”. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard/Promodis, 1990, p. 409-448.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. Tese de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2010.

MAYS, Kelly J. “The Publishing World”. In: BRANTLINGER, Patrick & THESING, William B. *Companion to the Victorian Novel*. Massachusetts, EUA: Blackwell Publishers Ltd, 2002. Pp. 11-30.

MITCH, David F. *The Rise of Popular Literacy in Victorian England: The Influence of Private Choice and Public Policy*, 1992.

MOLLIER, Jean-Yves. “La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris, França: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001.

- RAVEN, James. "British publishing and bookselling: constraints and developments". In: Michon, Jacques & Mollier, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris, França: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001.
- ROSE, M. *Authors and Owners: The Invention of Copyright*. Londres, Inglaterra: Harvard University Press, 1993.
- ROSE, Jonathan. Education, Literacy, and the Victorian Reader. In: BRANTLINGER, Patrick & THESING, William B. *Companion to the Victorian Novel*. Massachusetts, EUA: Blackwell Publishers Ltd, 2002. Pp. 31-47.
- SCHOR, Hilary M. Gender Politics and Women's Rights. In: BRANTLINGER, Patrick & THESING, William B. *Companion to the Victorian Novel*. Massachusetts, EUA: Blackwell Publishers Ltd, 2002. Pp. 172-188.
- SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2007.
- VASCONCELOS, Sandra G. T. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. Campinas, Brasil: Instituto de Estudos da Linguagem, s/d. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandra.htm> (acesso em 30/08/2014)
- _____. "Construções do feminino no romance inglês do século XVIII". In Polifonia, Nº 2. Cuiabá, Brasil: EdUFMT, 1995. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/188.pdf>.
- WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Londres, Inglaterra: Chatto and Windus, 1961.